



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O QUE DIZEM PROFESSORES SOBRE SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UM PROJETO DE INCLUSÃO DE UMA ESCOLA FEDERAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO RIO DE JANEIRO

Carolina Barreiros de Lima;
Colégio Brigadeiro Newton Braga, carolbarreiros@hotmail.com

Janaína Moreira Pacheco de Souza;
Universidade Estadual do Rio de Janeiro, janwan91@ig.com.br

José Luiz dos Santos;
Colégio Brigadeiro Newton Braga, joseluiz.s@terra.com.br

Renata Medeiros Gomes Coelho
Colégio Brigadeiro Newton Braga, ultraviva@hotmail.com

RESUMO

O objetivo desse artigo é compreender o que pensam os docentes e que práticas pedagógicas adotam com alunos que fazem parte de um projeto de inclusão desenvolvido em uma escola pública federal do Rio de Janeiro. O projeto piloto é realizado com discentes que possuem dificuldades de aprendizagem e defasagem série/idade. O acesso aos dados deu-se através de questionários aplicados aos professores em momentos destinados à formação continuada, com o intuito de avaliar o objetivo do curso, conteúdos e metodologias adotados pelos docentes. Os resultados demonstraram o quanto a reflexão sobre um planejamento escolar que reconheça a diversidade e que atenda as diferenças e as necessidades dos educandos pode modificar uma realidade anteriormente fadada ao fracasso.

Palavras-chave: inclusão, aprendizagem, defasagem série/idade, práticas pedagógicas, planejamento.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Reconhecer a ideia de que os sujeitos estão em constante processo de desenvolvimento e que devemos respeitar a pluralidade do outro significa ampliar a visão sobre o papel da educação, já que o modelo tradicional de ensino no Brasil norteou-se pela exclusão e classificação.

Desde os anos iniciais, muitas instituições se utilizam de parâmetros subjetivos para fazer distinções, como por exemplo, as divisões de turmas, as quais provocam uma disseminação da imagem de alunos considerados aptos ou não, a frequentarem salas de aula que aparentemente representam um status de poder. Quantos de nós, durante o período escolar, não víamos a turma “A” como aquela representada pelos melhores alunos? Quantas comparações nos foram embutidas durante nossa trajetória escolar? Quais expectativas tínhamos, a cada início de ano letivo, ao olharmos nossos nomes nas listas de turma?

Por estas e outras situações que se apresentam durante a vida escolar, tendendo a findar em um processo de exclusão, é que educadores brasileiros têm buscado refletir sobre o papel que foi atribuído à escola, durante décadas. Indubitavelmente, era atribuído a ela o poder de gerenciar o futuro das pessoas, tornando-se assim a detentora do saber e, transmitindo àqueles que se adequem, o sucesso.

A escola, segundo Senna (2008), colabora para a propagação da exclusão quando permite que certos padrões de tolerabilidade, cuja natureza extrapola o conhecimento científico, sejam instaurados e se criem marcas irreversíveis. Cabe a ela, reverter esse processo a fim de que tenhamos “uma escola para todos e todas”, conforme Candau (2012) afirma ter sido a grande luta do último século.

Implementar a política de inclusão tem sido o grande desafio de um grupo de professores pertencentes a uma escola tradicional do Rio de Janeiro. Esse desafio implica transgredir à cultura escolar sustentada pela instituição há anos. E para que esse trabalho se torne viável, promover um planejamento escolar que reconheça a diversidade da sala de aula, atendendo alunos com



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desenvolvimento diferenciado e com necessidades educativas diversas são fatores fundamentais a fim de resignificar a prática docente.

A escola deixa de naturalizar as diferenças quando nos propomos a pensar sobre práticas em torno do processo educativo e, cria uma política, para facultar a educação inclusiva. Que estratégias de ensino podem ser utilizadas pelos professores para atenderem alunos com deficiência de aprendizagem, baixa estima e defasagem série/idade? Incluir é oportunizar o diferente ser igual? É não discriminar? Será o fracasso escolar uma forma de exclusão?

Diante dessas reflexões, pretende-se que esse estudo traga à tona, algumas situações que nos levem a pensar sobre a realidade do aluno excluído e a posição do professor como agente da situação que deve tratá-lo como um ser possível. Um professor que seja capaz de sair da zona de conforto e que se permita entender seu aluno, levando em consideração, suas verdades. Para tanto, o cerne deste trabalho é entender em que medida contribuímos com o processo de inclusão ao repensarmos nossa prática docente.

CONTEXTO

O conselho de classe final do ano de 2013 apontou um número expressivo de alunos reprovados no 9º ano, os quais apresentavam sérias dificuldades de aprendizagem e defasagem série/idade. Tendo em vista a real situação e a certeza de que os métodos que estavam sendo aplicados há anos não estavam resolvendo efetivamente os problemas referentes à aprendizagem desses alunos, propôs-se à direção do colégio, um projeto de ensino diferenciado.

Experimentalmente, a proposta era abrir uma turma com os alunos que tinham os piores rendimentos e a maior defasagem série/idade. O objetivo era trabalhar com eles de uma forma diversa, com vistas a enxergar o indivíduo real que tínhamos em sala, para assim podermos entender e trabalhar suas reais dificuldades. A proposta convergia com o pensamento de Vygotsky (1984), ao dizer que “o ser humano se desenvolve de dentro para fora e de fora para dentro”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A questão de rever a metodologia de aprendizagem foi baseada na experiência pedagógica de que se o aluno souber ler e escrever de modo a compreender e transmitir com clareza e objetividade o que leu e escreveu, além de realizar com propriedade as operações matemáticas no conjunto dos números reais, acreditar-se-ia que ele poderia compreender os demais conteúdos curriculares.

Para tanto, priorizou-se uma carga horária ampliada para as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa. Além das disciplinas obrigatórias, foram inseridas na grade desta turma, Filosofia, Sociologia e Música, com a finalidade de pautar algumas discussões e socializar o grupo. O Serviço de Orientação Psicopedagógico (SOPP) fez um acompanhamento efetivo dos alunos e os professores envolvidos no projeto reúnem-se semanalmente para tratar de questões relativas ao processo ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

Os dados coletados para este trabalho derivaram de um questionário aplicado a doze professores do referido projeto, durante um dos encontros semanais que teve como pauta uma reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem dos/para alunos da turma em questão.

A temática sugerida ressalta a ação do professor em diferentes fases do processo, e, para que houvesse uma maior compreensão sobre elas, três aspectos fundamentais para entendimento sobre o planejamento foram considerados: o reconhecimento sobre o objetivo do curso, a relação conteúdo como déficit e/ou prescrição e, metodologia diferenciada.

As perguntas realizadas tinham como objetivo levar os profissionais a (re)pensarem sobre a sua prática pedagógica. Para tanto, eles responderam aos seguintes questionamentos:

| | |
|----------|---|
| OBJETIVO | 1) Como você enxerga a proposta de trabalho do grupo que você está inserido? |
| | 2) O objetivo do projeto está claramente definido? |
| | 3) Você acredita que o projeto desperta interesse nos alunos? Por quê? E em você? |



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

| | |
|-------------|--|
| CONTEÚDO | 4) Quais critérios você utiliza para selecionar os conteúdos para trabalhar nessa turma? |
| | 5) Esses conteúdos são relevantes para os alunos? |
| METODOLOGIA | 6) Existe alguma estratégia diferenciada em suas aulas? |
| | 7) Você considera importante desenvolver os conteúdos de forma participativa? Se sim, você utiliza de algum método para que suas aulas sejam mais abertas à participação dos alunos? |

Além de repensar a prática pedagógica adotada com aquele grupo de alunos, pretendia-se entender em que medida contribuímos com o processo de exclusão quando nos deparamos com sujeitos que têm dificuldade de aprendizagem, baixa-estima e defasagem série-idade e nada fazemos para modificar a situação.

Para uma maior percepção dos dados analisados, as entrevistas foram enumeradas de E1 a E12, facilitando assim a transcrição de algumas falas. Algumas situações relacionadas aos professores são relevantes: os educadores que contribuíram para a pesquisa possuem diferentes níveis de formação (graduados, especialistas, mestres e doutorandos) e atuam em diferentes áreas do conhecimento (Física, Química, Matemática, Biologia, Espanhol, Língua Portuguesa, Educação Física, Filosofia, Artes, Espanhol, Geografia e Sociologia). É preciso ressaltar que parte desse grupo de professores já atuou no projeto no ano de 2014, portanto, tem maior familiaridade com os alunos e conhecem com mais propriedade a proposta de trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estamos inseridos numa realidade educacional que grita por mudança, que não apresenta resultados satisfatórios que façam sustentar a antiga prática. Fomos impregnados por um discurso que diz que temos que absorver minorias sociais, que devemos reconhecer nossos alunos como sujeitos, mas que, não conseguimos fazê-lo, apesar de possuímos algum amparo das políticas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

públicas. E então, o que será que ainda nos falta? Responder a essa pergunta, com facilidade, seria desprezar o pensamento de Berticelli (2004), quando ele nos coloca que:

“A educação é, acima de tudo, comunicação entre os seres educáveis, interação, auto-hétero-organização complexa, uma ação/atividade que, como todo processo cognitivo, comporta sombras, zonas cegas, buracos negros, caos.” (p.488)

Discutir essas questões é ter que abrir espaço para o professor “sentar-se à mesa”, conforme declara Berticelli (2004), para rever os contratos sociais que foram firmados ao longo do tempo na área da educação. É querer enxergar que a escola muda de significação nos vários tempos e espaços sociais e que, precisamos ter convicção de que necessitamos, com urgência, vivenciar abordagens transversais, abrir diálogos entre diferentes tendências e teorias que contribuam para nossa formação. É entender que precisamos reformular o pensamento dos profissionais envolvidos com o processo ensino-aprendizagem.

Os objetivos, as funções da escola e a prática do professor já não são as mesmas do século XVIII, mas muitos teimam em sustentar tal realidade. Estamos inseridos numa era em que a transmissão de informação não é privilégio da escola, como acontecia há algum tempo. Hoje temos um grande concorrente: a tecnologia. A escola hoje tem uma função maior, ela precisa ensinar o aluno a refletir em face do mundo diverso em que vivemos.

Nesse mundo globalizado não cabe ao professor apenas a transmissão dos conteúdos programáticos, como originariamente era feito. Ele precisa possuir alguns requisitos para conduzir esse processo, que a cada dia tem se tornado mais complexo. Precisa ser um pesquisador de sua própria prática. No entanto, repensar nessa estratégia didática engessada dentro das escolas é tarefa difícil, tanto para os professores quanto para a sociedade que acredita no ensino tradicional.

Em se tratando de turmas de inclusão, a situação é mais delicada ainda. As práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do tempo demonstraram o “olhar para o outro que é diferente” não existe, já que elas se basearam na homogeneização e na padronização (DUBET, 2003).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para subsidiar e contribuir com essas reflexões, nos pautaremos em falas dos professores ao que se refere às suas práticas pedagógicas desenvolvidas nessa turma de inclusão.

O primeiro ponto abordado no questionário foi sobre a questão do reconhecimento do projeto. Compreender a proposta é fundamental para que o trabalho com aqueles alunos tenha êxito, já que não se trata de “mais uma turma” para fechar qualquer carga horária. Ao se integrar ao grupo, o docente precisa ter objetivos claros e interesses que permitam o sucesso dos discentes.

A relevância do projeto foi algo fundamental na fala da grande maioria dos docentes. Vários aspectos foram pontuados para sustentar sua importância em uma escola que ainda não tinha instituído tal prática. Dentre as falas, destacamos algumas: “A proposta desse projeto foi a luz no fim do túnel para muitos alunos que seriam jubilados. Eles estão tendo a oportunidade de resgatar aquilo que foi perdido ao longo do tempo.” (E3) A posição desse professor destaca a consequência cruel para aquele aluno que não consegue acompanhar o ritmo imposto por um determinado sistema, e, por força maior, acaba jubilado.

Outras questões foram levantadas: “Vejo como uma oportunidade mútua para professores e alunos (...) Para a equipe docente, é a oportunidade de observar de perto as práticas que não deram certo. Oportunidade ímpar!” (E5) O projeto foi extremamente interessante pois aponta para uma preocupação com aqueles que são alvos de estereótipos.” (E1) Apesar do projeto estar em processo de formação, como foi citado por alguns docentes, atribui-se a ele um poder transformador, tanto por parte dos alunos, quanto pelos professores envolvidos.

Tendo em vista que esses professores nunca trabalharam com uma proposta de inclusão no ensino regular e que a partir de toda nova prática precisamos pensar antes de agir, para que as ações não se deem de forma intuitiva, não ocorram ao sabor das circunstâncias e resultem em improvisações, falar sobre estratégias metodológicas foi fundamental nesse instante.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As falas dos docentes demonstram a preocupação de ir além do conteúdo programático dentro da sala de aula, já que nosso aluno não é tábula rasa e precisa pensar reflexivamente. Para tanto, a valorização dada a outros aspectos é importante, como cita esses professores: “Englobo competências como cooperação, concentração, velocidade de raciocínio e criticidade em minhas aulas.” (E6). “Sinto-me com liberdade para selecionar, com os alunos, aqueles conteúdos que têm significado para eles. Assuntos que permeiam a Biologia e que povoam suas vidas, pensamentos e atividades.” (E5)

A fala da professora (E5), no trecho acima, assinala que os alunos participam do processo de aprendizagem, fazendo com que eles se tornem sujeitos ativos de suas aulas, o que faculta o conhecimento dos propósitos das aulas e têm a chance de compreender o que fazem.

Para alcançar o tão sonhado sucesso na apreensão dos conteúdos, torna-se necessário repensar sobre as práticas metodológicas utilizadas nos anos anteriores com esses mesmos alunos. Nesse projeto, o conteúdo conceitual procura ultrapassar a passividade dos alunos, o “ouvir”. Pretende-se que eles deem significado àquilo que recebem, para que assim se sintam motivados para transpor dificuldades que apresentam até aquele momento. Os temas sugeridos para o trabalho interdisciplinar procuraram favorecer o processo ensino-aprendizagem, como cita a professora:

“Ao escolher o tema representação da mulher brasileira, tive a oportunidade de trabalhar a matemática em conjunto com os professores de língua portuguesa e sociologia, fato inédito na minha vida profissional. (...) observei um maior envolvimento dos alunos quando consegui que eles pensassem na estatística dentro de uma situação mais ampla, que foi o balanço da Central de Atendimento à Mulher do ano de 2014.” (E3)

A concepção de Vygotsky também é utilizada por alguns professores do projeto quando eles partem da premissa que o desenvolvimento não pode ser entendido sem referência ao contexto social e cultural no qual ele ocorre, como menciona Moreira (1999). A fala da professora comprova tal perspectiva.

“ Sempre que possível, tento evidenciar a necessidade de haver uma parceria entre o que é ensinado e o que eles já conhecem ou convivem. Aproveito ao máximo as



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

experiências que eles trazem e tento conscientizá-los de que elas devem ser valorizadas na escola e servem para vida.” (E7)

Sabemos que o professor lida com um plural de coisas que convivem complexamente no mundo real. Que cada aluno é uma realidade diferente e que, por vezes, exige dele uma posição de questionamento. Piaget (1973, p.85) traz contribuições sobre essa realidade quando considera que “pensar é agir sobre o objeto e transformá-lo”. Melo (2010) em sua Tese de Doutorado, confirma essa complexidade tão presente na vida dos professores.

“A sala de aula é um misto de habilidade. Cada aluno possui as suas. O desafio do processo de ensino e de aprendizagem é buscar meios para desenvolver tanto as que ele já tem como as que ainda não desenvolveu. Entendemos que a escola inclusiva terá uma tarefa dupla: focar tanto as habilidades já adquiridas como desenvolver novas. Mas cumprir tal tarefa, precisará, antes, conhecê-las”.

Várias situações foram pontuadas pelos professores e poderiam ser analisadas sobre a temática em questão, entretanto, é inviável contemplá-las aqui. O que deve prevalecer neste estudo é a reflexão sobre haver pertinência dos conhecimentos teóricos-metodológicos aplicados a essa nova forma de conduzir o processo ensino-aprendizagem.

CONCLUSÕES

Verificamos através do estudo que o processo de inclusão exige mudanças e esforços, por parte da escola e do professor, que sempre tiveram o papel de ensinar, e agora precisam (re)aprender. É preciso, de maneira persistente, viajar pelo espaço cotidiano da possibilidade e tornar possível o impossível, ampliando o pensamento pedagógico e estimulando a consciência, a fim de alargar os horizontes das práticas educativas.

Existem muitos caminhos a serem seguidos e uma diversidade muito grande de estratégias, o que torna o planejamento de aulas, escolha dos conteúdos, metodologias a serem adotadas, processos avaliativos, distribuição da carga horária e até mesmo a escolha da bibliografia a ser utilizada, questões pouco discutidas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Confirmamos através dos relatos, o quanto um planejamento escolar que reconheça a diversidade que atenda as diferenças e as necessidades dos educandos é imprescindível na sociedade atual. Para Gandim (2010, pág. 18) existem muitas definições de planejamento, mas todas vão de encontro à ideia de que “o planejamento é uma tarefa vital, união entre vida e técnica para o bem-estar do homem e da sociedade”.

Considerar o perfil dos alunos, o conhecimento de mundo e vivência que eles apresentam, além da proposta da Instituição na qual estão inseridos são fatores importantes para o planejamento de um curso ou disciplina, principalmente nas práticas de inclusão de alunos com deficiência de aprendizagem, baixa-estima e defasagem série-idade.

A atividade desenvolvida nos permitiu muitas reflexões. Percebemos a falta de ações que possibilitem a inclusão de alunos à margem do estereótipo perfeito. Visualizamos através das situações pontuadas, a possibilidade que os educadores têm de ajudar os educandos a transformar uma realidade de insucesso escolar e contribuir para uma formação inclusiva de melhor qualidade, analisando e modificando a sua prática pedagógica. Também vislumbramos através dos resultados a possibilidade de abriremos caminhos para novas discussões dentro da própria escola, tendo em vista que esse projeto apenas engatinha. Temos razões para acreditar que o projeto precisa ser reconhecido não apenas como utopia, mas como possibilidade para muitos que estão à margem da exclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTICELLI, I. A. **A origem normativa da prática educacional na linguagem.** UNIJUÍ, Rio Grande do Sul, 2004.
- CANDAU, V. M. **Escola, Inclusão Social e Diferenças Culturais.** XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. UNICAMP. Campinas, 2012.
- DUBET, F. **A escola e a exclusão.** Tradução de Neide Rezende. Cadernos de Pesquisa, n. 119, p. 29-45, julho/2003.
- GANDIM, D. **Planejamento como prática educativa.** Edições Loyola. São Paulo. 2010
- LIMA, C. B. **O papel do supervisor escolar no processo de formação continuada.** UCAM. Rio de Janeiro, 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MELO, S. C. **Inclusão em educação: um estudo sobre as percepções de professores da rede estadual de ensino fundamental do Rio de Janeiro, sobre práticas pedagógicas de inclusão.** Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagens.** EPU. São Paulo, 1999.

PIAGET, J. **Estudos sociológicos.** Rio de Janeiro: Forense, 1973.

SENNA, L. A. G. **Formação docente e educação inclusiva.** In: Cadernos de Pesquisa. 38 (133), 2008.

SOUZA, J. M. P. & LIMA, C.B. **Autoestima e aprendizagem - uma relação necessária no processo de inclusão escolar de alunos com defasagem série / idade.** In: IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: Didática e Avaliação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2015.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Obras escogidas.** V. 2. Madrid: Visor, 1993.